

## A tradição oral e a memória como meios de preservação do ritual da festa da seca Rikbaktsa

### Oral tradition and memory as means of preserving the ritual of the drought festival Rikbaktsa

Givanildo Bismy<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo aborda algumas manifestações poéticas da voz do povo Rikbaktsa, durante a Festa da Seca, um ritual celebrado anualmente. Durante os meses de ritual, que se inicia com a chegada do período de estiagem na região Noroeste de Mato Grosso, cantos são entoados em momentos específicos, mitos são contados por um ancião assistido por uma plateia de várias idades, projetando a tradição oral como fundante da memória na comunidade, que por sua vez, transportou o ritual até os dias atuais. O valor antropológico do ritual, já foi largamente estudado. No entanto, o valor literário, expresso nas poéticas das vozes dos Rikbaktsa praticantes do ritual, ainda não foi abordado por estudos científicos - o que torna este estudo inédito. O *Canto da Seca* foi coletado em vídeo pelo próprio pesquisador, na língua Rikbaktsa (tronco linguístico Macro-Jê) e foi traduzido para o português. Já o mito *As Primeiras Plantações* foi gravado, traduzido e publicado por Pereira (1994). Ambos serão *corpus* deste estudo. A partir dessas manifestações orais, buscarei aporte teórico em Moreira (2015), Sinson (2016), Reis (2018) entre outros que tratam de literatura, tradição oral e memória. A partir deste diálogo, abordaremos como a comunidade Rikbaktsa tem mantido o ritual da Festa da Seca, uma tradição milenar, que mantém contornos bem definidos, mesmo diante das mudanças abruptas e intermitentes, impostas após o período de contato com a sociedade não indígena, ocorrido a partir da década de 1950.

**Palavras-chaves:** Festa da Seca Rikbaktsa; Poéticas da Voz. Memória.

**Abstract:** This study approach some poetic manifestations of the voice of the Rikbaktsa people during the Dry Season Fest, a ritual celebrated annually. During the months of the ritual, which begins with the arrival of the dry season in the Northwest region of Mato Grosso, songs are sung at specific moments, myths are told by an elder watched by an audience of various ages, projecting the oral tradition as the foundation of memory in the community, which in turn has carried the ritual to the present day. The anthropological value of the ritual has already been widely studied. However, the literary value, expressed in the poetics of the voices of the Rikbaktsa practitioners of the ritual, has not yet been addressed by scientific studies - which makes this study unique. The Dry Season Song was collected on video by the researcher himself, in the Rikbaktsa language (Macro-Jê linguistic trunk) and was translated into Portuguese. The myth The First Plantations was recorded, translated and published by Pereira (1994). Both will be the corpus of this study. Based on these oral manifestations, I will seek theoretical support in Moreira (2015), Sinson (2016), Reis (2018) among others who deal with literature, oral tradition and memory. Based on this dialogue, we will address how the Rikbaktsa community has maintained the ritual of the Dry Season Fest, an ancient tradition that maintains well-defined contours, even in the face of abrupt and intermittent changes imposed after the period of contact with non-indigenous society, which occurred from the 1950s onwards.

**Key-words:** Dry Season Fest; Poetics of the voice; Memory.

**Tsikãini Piwataha<sup>2</sup>:** Nawãze ziwatahakanãhã, myikaha soho humu nikarãhã. Nataha myikaha nanohaze umueizikyhumo iriknãtyk tsehekeze. Mytakasapyze mymyikaha umyireky humu pihapywynaha, tsinasakebaze keknãhaze, niwasani haezeduba, myspirikpowy tsiwabykanaha muzotuk, muzopok iwa. Myspiripowyka myhydikwyezektza wasani. Iwatsahi myspirikpowy jabyitsa nataha spirikpokonãhã.

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL-UNEMAT). Professor da Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso (SEDUC/MT). E-mail: [bismy.b@unemat.br](mailto:bismy.b@unemat.br). Orcid 0009-0005-1966-4776.

<sup>2</sup> Idioma Rikbaktsa – tronco linguístico Macro-Jê.

Myspiripowoka butu iwatahaha. Iwatahaha tsipukzitsaêna Rikbaktsa humo nataha myikahatanaha, batu dik pykyhyty ity wataha wataha ha. Mysakibazika. Mypamykysowy eze nîmyhyikosoko nahã mynãro bipyritsa nîmyronãha paikihitsa misikostonãha, bipurihi nisihikosoko Pereira (1994). Petoktsa pibuzi ziwatahakanaha. Iwazehe tsinymyrykynãha bipuri wataha há humu Moreira (2015), Sinson (2016), Reis (2018) ustsá watahaha humu kinu niwatihi zinymyhykynaha. Iwatsahi Rikbaktsa tuk mypamykysonaha. nataha myikahakanahatsa tuk, koiknybaky mymykaha humu, iwatsatiu a bakinu mysopyktu taha harere tu duba erikna, myspirikpokonaha 1950.

**Myharere Myhyizikpyrykwy:** Rikbaktsa Myhyikaha; Si Zezebyitsa Tuk; Mykare Nahã.

## O conhecimento a favor da cultura Rikbaktsa

Os rituais do povo Rikbaktsa sobreviveram após o contato com os não indígenas, ocorridos com a chegada das frentes de expansão territorial (1940) e conseqüentemente, com a chegada dos jesuítas (1950), embora algumas perdas tenham sido irreparáveis, haja vista que houve uma diminuição de cerca de 70 por cento da população, que chegou a ser reduzida em menos de duzentas pessoas (ARRUDA, 1992).

Para sobreviver, os Rikbaktsa tiveram que conviver com missionários ligados à religiões diversas, enfrentar violências físicas e psicológicas das perdas de pessoas por doenças desconhecidas, encarar os métodos não muito didáticos do internato Utiariti, perder o território ancestral, entre outras mudanças. Além disso, o convívio com outras etnias neste processo fez com que o povo assimilasse novos elementos culturais. A população atualmente está recomposta e são aproximadamente 2500 pessoas, segundo os dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI, 2024).

Embora muitas tradições tenham sobrevivido pela persistência dos mais velhos, que não aceitavam a morte cultural, como o projeto de governo almejava naquele momento histórico, foi inevitável que as mudanças em diversos aspectos acontecessem neste cenário e impactaram diretamente no ritual da Festa da Seca, que geralmente acontece entre os meses de abril e agosto e se mostra cada vez mais importante, para que se mantenham vivas todas as tradições que se interseccionam durante o ritual.

O povo Rikbaktsa, do qual faço parte, habita três terras indígenas no Noroeste de Mato Grosso, sendo demarcadas e homologadas. São elas: Terra Indígena Erikpáktsa (Brasnorte), Terra Indígena Japuúra (Juara), Terra Indígena Escondido (Cotriguaçu), totalizando 42 aldeias. A maioria delas ficam às margens do rio Juruena, que é o principal rio que acolhe a etnia, embora exista aldeias às margens dos rios do Sangue, Arinos e outras que ficam distantes das margens de rios. A língua materna é denominada Rikbaktsa, que pertence ao tronco linguístico

Macro-Jê, sendo falada por uma parte da população e também ensinada nas escolas de educação básica. As mudanças ocasionadas pelo contato com os não indígenas são motivos de preocupação para o povo, que busca manter vivos os seus costumes.

O conhecimento é a principal forma de compreender e resolver problemas que afetam a realidade de inúmeras sociedades no mundo e na comunidade Rikbaktsa consideramos duas formas de conhecimento: o popular e o científico. Os mais velhos que têm domínio do popular, que chamamos de tradição, estão sempre ligados aos mais jovens, principalmente os universitários, na busca de soluções para os problemas, como é o meu caso, que trouxe para a pós-graduação a proposta de estudar o ritual da Festa da Seca, com intenção de fortalecer a tradição. Para isso, conto com o conhecimento tradicional de minha comunidade e também com o conhecimento científico, disponível nos meios acadêmicos, ao qual também pertenço hoje.

As mudanças sofridas pelo meu povo, devido às influências externas, são a mola propulsora que impulsiona esta amostragem sobre a festa. As preocupações advindas dessas transformações repercutem todos os dias, por isso é importante refletir de que modo afetaram e que podem afetar ainda mais a nossa relação com a ancestralidade, com a natureza, com o mundo do trabalho, com as formas de produção, com a língua materna, com os cantos e danças sagrados, enfim, com a cultura em sua totalidade. Deste modo, meu desafio é unir o saber tradicional e os estudos acadêmicos para fortalecer o ritual da Festa da Seca. Compreender esse processo inclui buscar formas para salvaguarda da tradição na atualidade.

Por pertencer a etnia, pretendo colaborar, trazendo nossas manifestações orais para o debate acadêmico ao passo que coloco em evidência a riqueza cultural da Festa da Seca do povo Rikbaktsa.

## **1 O Papel da Tradição Oral e da Memória na Preservação da Festa da Seca**

O ritual conhecido como Festa da Seca, praticado pelo povo Rikbaktsa, acontece durante o período de estiagem das chuvas, marcador de tempo que determina que é hora de abrir novas roças. Os meses não interessam muito, pois o calendário gregoriano adotado para organização temporal no Brasil, ainda não foi bem assimilado pela comunidade. Sendo assim, início de estiagem é tempo de abertura de roças, primeiras chuvas é tempo de plantar, florada é tempo de retirar mel de abelhas, temporada de caju é tempo de pesca da matrinchã, e assim, a vida em comunidade é regulada pelos sinais da natureza e não por um calendário fixado na parede.

Outra característica forte que pode ser observada nas organizações da comunidade é a tradição oral, que também funciona como mecanismo que organiza a vida cotidiana. Durante milênios, a comunidade sobreviveu sem a necessidade da escrita alfabética, mesmo diante da complexidade de regras inerentes a ela, atestando que a tradição oral foi uma forma eficaz de preservação e perpetuação de saberes.

Comum ao início do período de estiagem, as folhas caem das árvores, se acumulam no solo da floresta e são carregadas pelas brisas amazônicas. O som do farfalhar das folhas ao vento, anunciam que é tempo de abertura das roças novas, de apanhar lenha para estocar, de caçadas abundantes, de secar a castanha. Enfim, é tempo de Festa da Seca. Para além desses sinais, quem anuncia a nova temporada são as poéticas da voz, que entoam um canto breve, mas que anuncia que o advento grandioso se aproxima:

Saroryrytsa  
Saroryrytsa  
sã ã sã sã ã sã  
Tã saro

Saroryrytsa  
Saroryrytsa  
sã ã sã sã ã sã  
Tã saro

Saroryrytsa  
Saroryrytsa  
sã ã sã sã ã sã  
Tã saro

(GRAVAÇÃO: GIVANILDO BISMY, 2024).

Além do canto milenar, outra narrativa que conecta passado e presente é o mito *As Primeiras Plantações*, que explica que os antepassados não plantavam roças e dependiam de encontrar alimentos diariamente na floresta, o que fazia com que percorressem longas distâncias e tivessem uma dieta bastante restrita. O mito explica a partir da narrativa de uma caçada, que um ancestral Rikbaktsa seguiu um carreiro de formigas, que carregavam grãos desconhecidos e chegou à primeira plantação:

Um dia, um homem foi caçar muito longe de casa e matou um macaco paraguaçu. Na caçada, viu uma saúva carregando um caroço no carreiro. O homem acompanhou a saúva e dizia para si: – De que será esse caroço? Certa hora, tomou o caroço da saúva, mastigou um pouco e disse: – Sequinho e gostoso! Deve ser bom para comer!

Mais na frente, viu outra saúva com um caroço e o homem acompanhou também. Saiu numa roça muito grande. Tinha de tudo que era plantação: cará-roxo, cará-liso, cará-cabeludo, batata-doce, amendoim, mandioca- -mansa, cana branca e riscada e outras plantas. O homem foi andando ainda por ali e, numa curvinha da estrada, ouviu socar um pilão. Foi nesse rumo e deu num pau de oco. Ali morava uma mulher que era a dona da roça. (PEREIRA, 1994, p.152-153).

As duas manifestações da voz narrativas são milenares e se conectam com o presente pelo fio que tece a ancestralidade, ou seja, o conhecimento popular, passado de uma geração para outra. Para Munduruku apud Rachid (2023), a ancestralidade pode ser compreendida como uma teia de aranha, que com um único fio tece e junta caminhos que geram o senso de pertencimento.

Desta forma, a voz assume papel central na tessitura da ancestralidade, haja vista que em inúmeras comunidades indígenas, ainda hoje, a oralidade é a principal forma de transmissão e atualização dos conhecimentos.

Para Moreira (2015), a oralidade já passou por diversas fases, ora estando em alta ora estando em baixa:

Na passagem de uma civilização da voz para uma civilização da escrita, deparamos a sacralização da escrita e do estatuto de quem escreve. Sacralização que perdura até, pelo menos, princípios do século XIX, quando uma nova virada política e cultural redireciona as produções estéticas rumo a uma valorização da língua falada pelo povo, da organização discursiva elaborada pela oralidade, que passa a ser reconhecida como objeto estético passível de ser encenado na literatura. (MOREIRA, 2015, p.13 e 14).

Como afirma a autora, se a oralidade é reconhecida como objeto passível de ser encenado na literatura, parte das manifestações orais do povo Rikbaktsa podem ser concebidas nos meios acadêmicos onde haja debate literário. Quando digo “parte das manifestações orais” tenho consciência que em meio a tantos gêneros orais que circulam na comunidade, alguns têm função utilitária e outros têm função estética.

Neste caso, o canto sagrado e o mito assumem a função estética, pela carga de poesia presente neles. Assim, as vozes dos anciãos Rikbaktsa, são materializadas no momento em que as trago para o debate acadêmico. Para Moreira (2015, p.18), sobre a imposição da escrita sobre os gêneros orais, ainda pesa um silêncio constrangedor, no entanto este silêncio pode ser perturbado por ações de uma crítica de “enfrentamento e desobediência”, para retirar a oralidade do esquecimento.

Partindo deste posicionamento, retomo o canto sagrado do meu povo, que durante muitas gerações anuncia a chegada da estiagem e com ela, a abertura das roças, as grandes caçadas, a comida farta e o ritual anual. Na tradução do canto anteriormente apresentado na língua materna Rikbaktsa (Macro-Jê) percebemos com uma carga poética, a chegada da seca:

Folha seca  
Folha seca  
sã ã sã sã ã sã  
Fazendo barulho

Folha seca  
Folha seca  
sã ã sã sã ã sã  
Fazendo barulho

Folha seca  
Folha seca  
sã ã sã sã ã sã  
Fazendo barulho  
(TRADUÇÃO: JOÃO TSAPUTAI, 2024)

A carga poética da manifestação oral registrada na comunidade pode ser conferida na materialidade das folhas secas caindo das árvores, com a agitação das brisas suaves comuns do período que marca o fim das chuvas no território Rikbaktsa. Para Reis (2018), pela carga poética e estética que emana da narrativa, este tipo de manifestação pode ser concebida como poéticas da voz.

Existem certas maneiras de falar nas práticas cotidianas das comunidades de tradição oral, que vão além da informação, da fala comum, do diálogo, do monólogo. Essa fala individualizada e também estilizada pode ser compreendida como literatura. Neste sentido, é preciso ter em mente que qualquer forma literária, seja ela oral ou escrita, é um produto da linguagem que passou pelo labor da própria língua. “Seja o narrador oral, seja o poeta, o contista ou o romancista, para produzir uma forma se torna imperioso trabalhar a linguagem”. (REIS, 2018, p.38).

Nogueira e Silva-Semik reforçam que a qualidade que torna literário um determinado texto é a literariedade, um efeito subjetivo que varia de leitura para leitura ou no caso das poéticas da voz, de audição para audição. “Para a literatura, não dispomos de provas conceptuais irrefutáveis, restando-nos a prática de uma argumentação sempre virtualmente falível e a consciência de que há um resíduo inexplicável, responsável pelo caráter provisório das teorias.” (NOGUEIRA e SILVA-SEMIK, 2016, p.40).

O diálogo com os autores que fazem a defesa da existência da literatura na forma oral, faz acreditar que a literatura sempre esteve presente no meu povo, pelos usos constantes dos cantos sagrados e das narrativas míticas em diversos momentos, com a finalidade de entretenimento, quando cantam ou contam em atividades cotidianas de forma mais livre ou com finalidade específica, quando usam cantos e mitos conectados aos ritos que compõem os rituais.

Além do canto que marca o rito inicial da Festa da Seca, o mito mencionado anteriormente, quando é articulado dentro do contexto de celebração, tem uma conotação diferente, mais ampliada, onde se percebe na herança ancestral, a presença da memória, que mantém e fortalece os costumes tradicionais, como no caso do costume de lavrar a terra para o cultivo de alimentos:

A mulher dá chicha e beiju e milho-fofo para as outras mulheres. Elas comeram e disseram:

- Mas que coisas boas!...
- Como se chamam?
- Esse aqui é beiju e esse outro é milho fofo.
- E onde vocês acharam?
- Lá na roça de uma mulher. Ela tem tudo!...
- É longe daqui?
- É perto.
- Bom da gente ir lá buscar mais!...

Um dia, foi muita gente buscar milho-fofo. Quando a dona da roça viu tanta gente chegar, ela assustou e disse:

- Agora sim, vão acabar com tudo que é meu.

Uns pousaram na casa da dona da roça, outros pousaram fora, de tanta gente. Quando amanheceu, a dona da roça disse para as mulheres:

- Vocês podem ir na roça e apanhar o que quiserem.

Cada mulher encheu um xíri de plantação. A dona da roça ainda disse:

- Vocês também precisam levar a semente e a muda de cada planta, se não, com o tempo, tudo acaba. E lembrem do tempo certo de plantar.
- Mas, a gente não sabe conservar e usar a semente e a muda e, muito menos, a gente conhece o tempo certo de plantar.

– Então, eu vou ensinar: do milho-fofo, planta o milho-fofo mesmo, com quatro caroços em cada cova; da mandioca-mansa, planta a rama; da banana, a muda; do cará, o cará mesmo; do amendoim, o amendoim mesmo. No tempo da chuva, faz derrubada, na seca, toca fogo; nas primeiras chuvas, planta o milho-fofo. Se planta fora desse tempo, o milho-fofo dá fraco. (PEREIRA, 1994, p.152 e 153).

Diante deste fragmento, observamos que o mito está vinculado ao ritual e que juntos atuam no contexto social onde sobrevivem, explicando a origem e a época certa para abertura das roças, a forma e tempo correto de plantar e o costume das mulheres serem as principais responsáveis pelas plantações. A cada ano, na ocasião da Festa da Seca, o mito, a festa e os

costumes são atualizados e a comunidade vivencia a sua religiosidade (fragmentada pelo catolicismo), colocando em movimento a sua cultura, pois a maior parte das manifestações culturais Rikbaktsa se interseccionam durante o ritual, através das flautas, dos cantos e danças sagradas, da prática da agricultura, da caça e pesca, da coleta de alimentos, do grafismo, da arte plumária, da mobilização de pessoas de diversas aldeias.

Além das roças, o mito também explica o costume ancestral do consumo da chicha, bebida não alcoólica feita com o milho-fofo, principalmente:

- Você veio?
- Eu vim, prima!
- Eu vivo aqui sozinha.
- E eu ando perdido.
- Aí tem chicha, só que ainda está quente!
- E fria?
- Tem também.

A mulher deu a chicha fria para o homem. Ele bebeu um pouco, achou gostosa, bebeu mais e perguntou:

- De que é essa chicha?
- De milho-fofo.

[...]

A chicha de milho-fofo se faz assim: bota água na massa do milho-fofo e deixa cozinhar até ferver bastante, tira do fogo e espera esfriar. Azeda é muito gostosa.

(PEREIRA, 1994, p.155).

De fato, a permanência dos costumes aqui mencionados e de tantos outros que a comunidade mantém por milênio, só foi possível pela tradição oral e principalmente pelos gêneros orais compreendidos como poéticas da voz, principalmente os cantos e os mitos, que formam a memória da comunidade.

Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes, no caso da comunidade Rikbaktsa, através da tradição oral.

Para Simson (2016), existe a memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se baseia nas suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou ou socializou. Já a memória coletiva, que é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes pelos grupos dominantes e geralmente se expressa “nos lugares da memória, que são os memoriais, monumentos, murais, arquivos, bibliotecas, hinos oficiais, quadros e obras literárias e artísticas que exprimem a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade.” A autora explica também

que existem as memórias subterrâneas, que geralmente se encontram muito bem guardadas no âmago de famílias ou grupos sociais e que são cuidadosamente passadas, de geração a geração, através de relatos, músicas, quadras poéticas e que os membros do grupo se auxiliam mutuamente na tarefa de relembrar. Neste sentido, uma construção compartilhada da memória. (SIMSON, 2016, p.14 e 15).

Nas sociedades da memória, geralmente nas de tradição oral, como é o nosso caso, compete aos mais velhos, devido a sua maior experiência e vivência, o importante papel social de guardiões da memória. Cabe a eles a função de transmitir às novas gerações de seu grupo social, os fatos e vivências que foram retidos como fundamentais para a sobrevivência do grupo.

No caso do ritual da Festa da Seca, os mais velhos anualmente se reúnem para nos mostrar, através de alguns ritos que integram o ritual, a importância da produção de alimentos na nossa comunidade, sempre trazendo o mito para comprovar que, antes de aprendermos a cultivar alimentos, precisamos sobreviver com uma dieta alimentar a base de orelhas-de-pau e fezes de anta. Ao passo que a mensagem nos é passada, a cultura se reaviva e sinaliza que manterá alguns contornos originais, desde que estejamos dispostos a continuar a praticar a nossa herança ancestral.

### **Considerações Finais**

A tradição da Festa da Seca vem resistindo a todos os tipos de adventos por mais de mil anos, chegando à beira do desaparecimento, com a morte de cerca de 70 por cento da população na segunda metade do século XX, ser interrompida durante a pandemia de Covid-19 e pelos cortes nas verbas da Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Ela foi retomada no ano de 2024, com uma edição bastante ampliada, haja vista que a comunidade, aliada a alguns pesquisadores, entendem a necessidade de sua continuidade e salvaguarda.

A importância de se manter essa tradição é que ela assegura a alimentação de diversas famílias, pois está totalmente ligada ao ciclo de produção de alimentos e também mobiliza um número significativo de pessoas em torno dos anciãos, que articulam diversos aspectos culturais, como se fosse uma escola de saberes ancestrais, onde se ensina aos familiares e parentes sobre os clãs, fabricação e afinação de flautas, cantos, danças, performances, mito, grafismo, arte plumária, entre tantos outros costumes e tradições que se interseccionam durante o ritual.

Como a comunidade Rikbaktsa tem mantido o ritual da Festa da Seca com contornos bem definidos, mesmo diante das mudanças abruptas e intermitentes? A resposta que pretendi deixar evidente neste estudo é: o papel da Literatura, manifestada através das poéticas da voz. A tradição oral tem encontrado nas celebrações dos rituais um ambiente profícuo para perpetuação de nossas heranças ancestrais, pois o convívio de pessoas de diferentes faixas etárias durante os meses de celebração, sinaliza que a tradição é forte, apesar do histórico de desarticulação datado de mais de sete décadas de integração com outros povos.

## Referências

- ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. **Os Rikbaktsa Mudanças e Tradição**. 543f. Tese (Doutorado em Antropologia). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1992.
- MOREIRA, Terezinha Taborda. Literatura e oralidades. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 19, n. 37, p. 9-20, 2º sem. 2015 Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/11301> Acesso em: 28 de abr. de 2025.
- NOGUEIRA, Carlos. SILVA-SEMIK, Véronique Le Dü da. Poesia oral tradicional e Funcionalidade. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, volume 56, 2016. Disponível em <https://ojs.letras.up.pt/index.php/tae/article/view/10063>. Acesso em 03 de dez. de 2024
- PEREIRA, Adalberto Holanda. **O Pensamento Mítico Rikbaktsa**. Antropologia, nº 50, ano 1994. Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil, 1994.
- RACHID, Laura. Brasil precisa construir pedagogia do pertencimento, defende Daniel Munduruku. **Revista Educação**, 2023. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2023/06/16/daniel-munduruku-led/> Acesso em 28 de abr. de 2025.
- REIS, Vanilda. **Os guardiões do vale Juruena: Rikbaktsa**. Dissertação (mestrado em Estudos Literários) - Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Tangará da Serra, p 82. 2018.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Margens**, online, v. 1, n. 1, p. 11-16, 2004. Disponível em <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/12617> Acesso em 24 de abr. de 2025.